

Direitas, crise do capitalismo e violência política nas décadas de 1960/1970

Ricardo Antonio Souza Mendes¹

Resumo: A violência política dos anos 1960 e 1970 na América Latina resultou não apenas da decepção de diversos grupos com a política e com o regime democrático. Entendo que, juntamente com essas questões, e a influenciar profundamente os atores daquele momento, estava uma percepção que atravessava parte não desprezível do universo político. Tanto dentre as esquerdas quanto nas direitas existiam aqueles que apresentavam uma crença de que estaria a se desenvolver uma “crise do capitalismo”, diferente das crises anteriores, que poderia colocar em xeque todo o sistema. Considero que essa “percepção catastrófica” é a chave para a compreensão da ênfase na violência política que buscava, à esquerda, superar esse modelo de organização, e à direita, refundar o capitalismo ou mesmo recuperar suas bases. Utilizando em grande medida a bibliografia que aborda a questão da violência enquanto instrumento e linguagem política, mas fazendo uso também de alguns documentos de época, apresento inicialmente algumas análises que abordam a presença dessa percepção dentre as esquerdas para, na sequência, assinalar como ela se manifestava também dentre as direitas do Cone Sul.

Palavras-chave: Violência Política; Crise do Capitalismo; Direitas; América Latina.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, UFF. Professor Titular de História da América no Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9817-9325>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8588855890861557>. E-mail: rasmric5@gmail.com

Rights, the crisis of capitalism and political violence in 1960's/1970's

Abstract: The political violence of the 1960s and 1970s in Latin America resulted not only from the disappointment of various groups with politics and the democratic regime. I understand that, along with these issues, and deeply influencing the actors of that moment, was a perception that crossed a not insignificant part of the political universe. Both on the left and on the right there were those who believed that a “crisis of capitalism” was developing, different from previous crises and which could put the entire system in check. I consider that this “catastrophic perception” is the key to understanding the emphasis on political violence that sought, on the left, to overcome this model of organization, and on the right, to refound capitalism or even recover its foundations. Using to a large extent the bibliography that addresses the issue of violence as a political instrument and language, but also making use of some period documents, I initially present some analyzes that address the presence of this perception among the left and, subsequently, point out how it he also demonstrated among the right-wingers in the Southern Cone.

Keywords: Polítical Violence; Crisis of Capitalism; Rights; Latin American.

Introdução

Os anos 1960 e 1970 foram marcados pela polarização política na América Latina. Podem pensar, principalmente os mais jovens, que essa afirmativa é óbvia e desprovida de qualquer novidade. Afinal, foi nesse momento em que se observou a defesa, por parte das esquerdas, da luta armada como instrumento de ação e transformação política legítimos. De outro lado, também foi nesse contexto em que se observou o aparecimento das ditaduras civil-militares na região. Caracterizadas pelo recurso sistemático da violência, não apenas quando da sua chegada ao poder mas como um procedimento quase que rotineiro, os Regimes de Segurança Nacional embasaram-se fundamentalmente na perspectiva de que estava sendo travada uma guerra interna dentro de cada nação, e que todos os recursos deveriam ser utilizados para vencê-la.

Não por menos, nesse momento, desenrola-se um intenso debate que abarca a temática da Revolução e também a da violência. Intelectuais militantes como Arendt (1963/1990 e 1969/1970), Fanon (1961/1968), Guevara (1961, 1961b, 1967) e Sartre (1968) travaram, indiretamente e através de seus escritos, uma intensa discussão acerca das duas questões. Entendo que existem lacunas na explicação acerca dos motivos pelos quais o fruto dessa polarização – a violência política –, foi a regra adotada pelos principais atores políticos tanto à esquerda quanto à direita. Gabriela Águila, por exemplo, assinala que, no debate sobre a violência política desenvolvida entre as décadas de 1960 e 1970, observa-se uma discussão que centra sua atenção mais na dimensão dessa violência – bem como às suas implicações “ético-políticas” –, do que efetivamente na explicação do seu desenvolvimento¹.

Considero que esse momento se caracterizou por uma ideia que perpassava em grande medida os principais atores daquele momento, acabando por orientar suas ações políticas e as estratégias então adotadas. Em suma, a

maneira pela qual esses atores buscaram interferir na realidade. Abordo, aqui, a então propalada “crise do capitalismo”. Procuro apresentar que, embora no meu entendimento essa crise não estivesse efetivamente em desenvolvimento, a percepção de que ela existia era “concreta”, e nela podem ser encontradas parte das explicações para as atitudes adotadas que acabaram por pensar a violência como principal instrumento a ser utilizado por alguns dos atores políticos situados em ambos os lados.

Revolução Cubana e “crise do capitalismo” – anos 1960/1970

Diversos autores, em diferentes áreas do conhecimento, consideram a importância do acontecimento no forjar de percepções. Segundo Rémond, um acontecimento tem a capacidade de soldar uma geração, e

sua lembrança continuará sendo até o último suspiro uma referência carregada de afetividade, positiva ou negativa, até que, com o desaparecimento desta, ele mergulha na inconsciência da memória coletiva, onde continuará, no entanto, a exercer alguma influência insuspeitada^{II}

O acontecimento pode provocar mudanças na percepção da realidade, ativando-a, tal como considera François-Xavier Guerra^{III} em sua narrativa sobre o processo de independência nas colônias espanholas. Raoul Girardet^{IV}, de outro lado, aponta a sua importância para a construção de mitos e, nesse sentido, de percepções da realidade. Além de ser instrumento de leitura do presente o mito também se apresenta como um elemento de mobilização possuindo, assim, vínculos com uma situação de reestruturação social, “instrumento de reconquista de uma identidade comprometida”^V. Afinal, como aponta Sirinelli, depende em grande medida do contexto histórico em que se desenvolvem as ideias para que estas se “aclimatem” ou “adquiram valor”^{VI}. Baczko chega a afirmar que, em alguns casos, a mitologia sobre um determinado acontecimento se sobrepõe ao mesmo

em importância^{vii}. Ou seja, predomina nessas situações, mais do que em outras, a percepção do fato sobre o fato em si mesmo.

A vitória da Revolução Cubana em 1959, com a posterior adesão ao bloco socialista em 1961, pode ser enquadrada nessa situação. A influência da mesma já foi largamente abordada por pesquisadores que avaliam as especificidades do movimento, o impacto no desenvolvimento da luta armada, bem como a ação das direitas ao seu desenrolar e vitória^{viii}. Se para alguns contemporâneos o evento representou a chegada da Guerra Fria na América Latina^{ix} para outros o movimento significou a primeira manifestação do conflito norte-sul^x. Foi com o desenvolvimento da Revolução Cubana que a opção armada para chegar ao poder apresentou-se como um importante elemento a orientar a denominada “nova esquerda” latino-americana, calcada na crença do privilégio da ação e da vanguarda armada. A Revolução em questão foi apresentada por alguns como possuindo uma exemplaridade ímpar da opção pela violência como instrumento político, aspecto que já vinha se desenvolvendo desde termos da II Guerra Mundial.

É nessa direção que apontam as análises de Maria Paula Araújo^{xi} acerca das opções adotadas pelas esquerdas latino-americanas. Considera a autora que a valorização da violência resultava de um processo que atingia não somente o Extremo Ocidente. O desenvolvimento na Europa de movimentos armados – tais como Baader-Meinhoff e Brigadas Vermelhas –, de setores do movimento negro norte-americano como os Panteras Negras nos Estados Unidos, bem como os movimentos de libertação do domínio imperialista na África e Ásia, davam um tom mundial a certa decepção com a democracia, resultante da descrença na eficácia da política enquanto instrumento de transformação.

Analizando a Argentina desses anos, Romero^{xii} considera que os cenários de desvalorização da política e da democracia estavam presentes na Argentina tal

como assinalado acima. Para as esquerdas, a democracia soava como ópio burguês. O autor entende que a imagem de um imperialismo enfraquecido diante do Vietnã e dos protestos internos aos Estados Unidos, o desenvolvimento da primavera de Praga, o aparecimento de alternativas políticas socialistas – tais como a China e o caso Cubano –, bem como o desenvolvimento da Tricontinental em Havana, influenciavam as esquerdas nesse momento^{xiii}. Calvero, por sua vez, indica que,

Si para los grupos dominantes, la democracia era imposible sencillamente porque no tenían consenso, es importante señalar que tampoco gozaba de gran prestigio en el resto de la sociedad: para el movimiento peronista, representaba la bandera poco creíble esgrimida por los golpistas y represores de 1955 y para la izquierda en general, correspondía a una visión “liberal”, teóricamente “superada” por la propuesta socialista y las llamadas “democracias populares”. Así, todos coincidían en su cancelación, aunque por motivos diversos, pero el golpe de gracia institucional provino del propio Estado^{xiv}.

A desqualificação da democracia no contexto dos anos 1960 também é abordada por Argelina Cheibub Figueiredo^{xv} para o caso brasileiro. Segundo a autora, se desenvolveu um consenso negativo quanto às possibilidades de resolução dos conflitos dentro de um processo democrático^{xvi}. Ainda que não fossem todos os atores políticos os que desprezavam a democracia, eram aqueles que adotavam posturas mais ativas e com liderança no debate político que assim pensavam. Para setores das esquerdas as tão almejadas *Reformas de Base* não seriam obtidas diante de um Congresso extremamente conservador.

Nesse sentido, considerada por alguns contemporâneos como mero instrumento a serviço da burguesia^{xvii}, a democracia não se apresentaria mais como uma opção válida para encaminhar as transformações necessárias e almejadas pelos setores sociais e forças políticas situadas à esquerda. No entanto,

entendo que, complementando a frustração com a democracia e com a política, o momento era demarcado também por uma crença na existência de uma crise política do sistema capitalista. Isso colocaria em pauta, na convicção de determinados segmentos, uma atitude mais incisiva visando a aceleração e consolidação da falência do sistema.

A ideia da existência de uma crise do sistema capitalista que poderia levá-lo à falência foi amplamente propagada por Fanon, Sartre e Che Guevara, intelectuais militantes que exerceram grande influência dentre as esquerdas latino-americanas. Fanon situa a América Latina dentro do mesmo conjunto de países que buscavam a independência política na África e Ásia sob o rótulo do terceiro-mundismo. Para o martinicano, o fim do capitalismo se iniciaria com a descolonização. O momento era de uma impaciência por parte dos colonizados do terceiro mundo que estariam a tomar consciência de que a violência seria o único meio pelo qual poderiam se livrar da opressão colonial^{xviii}. Hannah Arendt identifica que Fanon, junto com Sartre, foram os intelectuais que defenderam e propagaram a ideia da violência como parteira de uma nova realidade, com uma “nova e inegável glorificação” pelo movimento estudantil^{xix}.

A excepcionalidade da situação contemporânea seria dada tanto pela consciência de si, que estaria sendo desfrutada pelos colonos quanto pela situação de confronto a que estaria sendo submetido o capitalismo pelo desenvolvimento da Guerra Fria. Ambos colocando a ruptura com o sistema e colaborando para a noção de que “o seu destino se decidiria naquele momento”^{xx}. A violência defendida por Fanon, se revestia de “carateres positivos, formadores”^{xxi}. E assinala o intelectual que, para o capitalismo, a perspectiva de longo prazo seria catastrófica posto que se encaminhava uma contestação direta e uma luta aberta contra o sistema^{xxii}.

Na perspectiva de Guevara, no confronto entre capitalismo e socialismo, o primeiro era a parte mais débil, ainda que mais agressivo^{xxiii}. A situação dos Estados Unidos seria de “extrema tensión y tiende a atacar tan profundamente las bases del régimen imperialista”^{xxiv}. Existiria, segundo ele, uma crise mundial do imperialismo que se desencadeava por todo o terceiro mundo. Há que se considerar aqui que, para Guevara, isso significava a própria falência do capitalismo já que “hay que tener em cuenta que el imperialismo es un sistema mundial, última etapa del capitalismo”^{xxv}.

Essa percepção de crise disseminou-se profundamente e é captada por diversos autores que abordam o período. Vários deles indicando ser essa a perspectiva dos setores mais ativos politicamente dessas sociedades. Segundo Alberto Aggio, a Revolução Cubana colaborou para a consolidação de um ponto de vista na qual “o capitalismo evidenciava cada vez mais sua debilidade intrínseca, inclusive culturalmente, e o socialismo aparecia como uma saída clara para a sorte do planeta, especialmente os pobres”^{xxvi}.

Também em relação a essa debilidade do capitalismo, Leichtemburg^{xxvii} indica a existência de uma desilusão com o sistema de valores norte-americanos, o seu questionamento interno e o desenvolvimento de uma “era de angústia”. Grande parte da literatura do período, afirma, teve por tema essa desilusão e a desolação com os rumos do país, relacionadas com a ameaça que o sistema capitalista passava^{xxviii}. Luis Alberto Romero, por sua vez, considera que, na Argentina, existia uma perspectiva de crise generalizada do capitalismo para aquele momento e que, para alguns, a crise já havia chegado aos Estados Unidos:

la sorprendente capacidad de resistencia del pueblo del Vietnam mostró la imagen derrotada de un gigante que, además, debía lidiar en su propio frente interno con estudiantes, negros y una sociedad entera que reclamaba sus derechos^{xxix}.

Marcelo Ridenti, se utiliza das palavras de Roberto Schwartz para assinalar que “neste momento a vanguarda cultural do Ocidente trata de um só assunto, o apodrecimento social do capitalismo”^{xxx}. Julio Santucho, que viveu aqueles anos militantemente no movimento de esquerda armada, considera os anos 1960 marcados por uma crise do Estado capitalista que propiciava claramente a revolução^{xxxi} (Nas análises de Amado Cervo, a crise do capitalismo colaborava, ainda que não de forma determinante, para mudanças nas estruturas de poder. As elites encarnavam novos projetos e interesses e acabavam por modificar as políticas exteriores dos países latino-americanos, redirecionando-as nos países do continente^{xxxii}. O britânico Richard Gott aponta nessa mesma direção. Analisando os efeitos da Revolução Cubana, considera que em muitos países, onde figuras envelhecidas permaneciam no poder, o momento foi percebido como “a aurora de uma nova era”^{xxxiii}.

Direitas, crise e violência

Se para alguns analistas do período a questão passava pela crença de que o momento era de crise do sistema, para O'Donnell a mesma por vezes é considerada não apenas uma percepção de ameaça, mas a sua concreta existência. Na análise que O'Donnell faz do estabelecimento da Revolução Argentina em obra elaborada em 1973, o autor aponta como causas do regime implantado em 1966 a reação atemorizada da burguesia e seus aliados diante do crescimento da “ativação popular” que se assemelhava a uma “ginástica revolucionária”^{xxxiv} O'Donnell afirma que, nesse momento se desenvolve uma crise de acumulação onde se fazia necessário “por em seu lugar as classes subordinadas”, porque não mais estariam funcionando os mecanismos de controle sobre a classe trabalhadora desencadeando, nesse sentido, uma crise de dominação celular^{xxxv}. Ou seja, segundo afirma, as elites estariam diante de uma

situação de inviabilização do controle sobre os setores populares e a possibilidade concreta de ruptura com o sistema capitalista estaria dada.

Afirma ainda o Autor que, se a ameaça era de “baixo nível” em 1966, em fins da década ela passou a assumir uma dimensão muito maior. Para ele a crise existiria efetivamente e não estaria tão somente, como considerado aqui, no plano das percepções. Por conta disso, as classes dominantes teriam reagido e implantado o que ele denomina por regimes Burocráticos Autoritários, com setores das classes dominantes estruturando formas de governo ditatoriais com o objetivo de reconduzir ao controle os movimentos sociais. Não mais através do consenso, mas sim pela via da violência. Reativos tão somente ao aumento da mobilização social, porque irredutíveis quanto à diminuição de seu poder e de seu lucro.

Diversos autores seguiram o caminho trilhado por O'Donnell quanto à ideia de crise política agravada pela “crise de dominação celular”, enfatizando a perspectiva de que essa teria efetivamente se desenvolvido e que as ditaduras seriam uma reação efetiva a tudo isso. Em *Transições do Regime Autoritário*, obra organizada pelo mesmo O'Donnell, Manuel Antonio Garretón assinala que a ditadura chilena se estabelece em um momento de alto grau de decomposição do sistema capitalista mundial^{xxxvi}.

David Collier^{xxxvii}, por sua vez, apresenta como uma das causas do estabelecimento dos Regimes Burocrático-Autoritários a presença de uma situação extrema, pois “quando crises graves ameaçam as relações de produção capitalistas existentes, isto pode fazer com que os líderes dentro dos grupos dominantes iniciem mudanças no regime, a fim de protegerem melhor estas relações de produção”. Eram “reales e potenciales” o medo da “classe dominante”^{xxxviii}, uma vez que estariam sendo questionadas as relações capitalistas com a transgressão microsocial que desencadeou uma crise de hegemonia^{xxxix}. Igualmente considera Zárate para o caso chileno^{xl}.

As contribuições de alguns pesquisadores, contudo, colaboram para o questionamento sobre a efetividade dessa crise do sistema, ou de uma “crise de dominação celular” que estaria a colocar em xeque o sistema. Romero, que aborda particularmente o caso argentino ao longo das décadas de 1960 e 1970, indica que,

Para seus protagonistas, as raízes desses conflitos, sem dúvida violentos, estavam em uma economia que levava ao desespero por sua sucessão de arrancadas e freadas, de promessas não cumpridas e frustrações acumuladas. Entretanto, visto de uma perspectiva mais ampla – e sem dúvida melhorada por calamidades posteriores, ainda não imaginadas em 1973 –, a economia do país teve um desempenho em média satisfatório, algo que iria se prolongar até 1975, e que não justificava as previsões apocalípticas, apesar de tampouco as fantasias da Argentina potência^{XLII}.

O autor cita o crescimento do setor agropecuário, contínuo até os anos 1980^{XLIII}. Da mesma forma indica o crescimento da produção industrial que, “após a grande crise de 1963” não enfrentou retrocessos até 1975. Somente por volta de 1973 a expansão se aproximou dos limites da capacidade produtiva. Importante consideração acerca do país, onde se observou a instauração de um dos mais violentos governos calcados na Doutrina de Segurança Nacional.

Na mesma linha de análise da economia vão Salazar e Pinto^{XLIII}, bem como Lundhall^{XLIV}, que analisam o caso chileno. Gabriel Salazar e Julio Pinto assinalam que, ainda que tenha ocorrido uma diminuição do nível de crescimento da indústria e da mineração, o ritmo mesmo assim permanece na casa de 3,7 e 4,2% até princípios dos anos 1970 respectivamente^{XLV}. E ainda que Mats Lundhall tenha afirmado que, só no ano de 1972, os indícios eram de que o “período de la expansión fácil había terminado”^{XLVI}, a questão apontada é a de que o problema dizia respeito a uma etapa do processo de acumulação e não de uma crise geral do sistema em si mesmo. De forma geral, pode ser compreendido que em nenhum dos casos a

mobilização dos setores subalternos chegou a ameaçar efetivamente o sistema capitalista, pois as reivindicações se tratavam mais em relação à distribuição da renda do que da alteração/ruptura do modo de produção.

É nesse sentido que aponto que as perspectivas analíticas que partem de diversos autores, dentre os quais Guillermo O'Donnell, são muito mais resultado do partilhamento dessa visão de ameaça, encampando as representações do momento que indicavam na direção da existência efetiva da crise. Afinal, sua obra foi escrita ainda nos anos de suposta vigência da crise – 1973.

Romero e Figueiredo concordam com a ideia de que a decepção com a democracia e com a política atingiram não somente as esquerdas. Setores das direitas consideravam que os mecanismos políticos não seriam os mais adequados para a contenção da crescente mobilização social então observada^{XLVII}. Dentre as direitas, a democracia também era percebida como mera formalidade, as liberdades individuais seriam uma farsa e praticamente ninguém tinha fé na opção democrática^{XLVIII}. Nesse sentido, além de setores das esquerdas, sindicatos, Igreja, Forças Armadas, partidos políticos faziam opções que os distanciavam da política. Ora na direção do tecnocracismo, ora no recurso à força.

Nesses grupos se desenvolvia, já de algum tempo, uma ideia de que as coisas estavam fora do lugar. Palavras como crise, decadência, destruição, desintegração, dissolução e medo eram recorrentes. Tal qual setores das esquerdas, do outro lado, no sentido completo palavra, haviam aqueles que também entendiam o momento de forma semelhante, ainda que com valorações diametralmente opostas e com referências carregadas de “afetividade negativa”.

Rodrigo Patto Sá Motta^{XLIX}, por exemplo, afirma nas suas análises sobre as direitas que, desde as primeiras décadas do século XX, a luta dos anticomunistas apresentava motivações morais, o que se incrementou nos anos 1960. Esses setores políticos queriam preservar a moralidade tradicional ameaçada pelas

investidas “revolucionárias”. O comunismo estaria a instigar secretamente a “decadência moral”, no intuito de solapar as bases da “boa” sociedade.

Quiroga e Tcach, abordando o caso argentino, consideram que a luta política das direitas buscava eliminar comportamentos que questionavam a “ordem coletiva”. Esses segmentos estariam a evitar o que denominavam por “transgressão microsocial” e a confrontação da hierarquia. O objetivo seria a reconstrução do capitalismo. Herrera^L, abordando os elementos componentes da Doutrina de Segurança Nacional e um dos seus elementos fundamentais – a geopolítica –, aponta que um dos fatores que mais preocupava aqueles que compartilhavam dessa perspectiva era a possibilidade de decadência do Estado, encaminhada a partir de dentro pelas lutas internas.

Observando o cenário chileno Joaquín Fernandois^{LI} assinala, ainda, a existência de um conservadorismo e nacionalismo de direita que se fortaleceu nos três anos do governo da Unidad Popular, mas que via toda a História do século XX como decadente, colocando em perigo a herança portaliana com ameaça da segurança nacional^{LII}. A perspectiva de decadência moral e política seria característica das direitas no século XX. Na mesma direção avalia Stéphane Boissar^{LIIL}.

Olhando alguns documentos

Ainda que a ameaça à moralidade tradicional a indicar uma situação de decadência identificada por Sá Motta e por Fernandois sejam traços característicos das direitas ao longo de todo o século passado, nesse momento (anos 1960 e 1970) observa-se uma potencialização dessas percepções, não apenas pelo contexto político, mas pela própria noção de crise generalizada capitalista.

Documentos como *Declaracion de Principios* da Junta Militar Chilena, elaborada em março de 1974, apresentava um conservadorismo e nacionalismo de direita que via a história do século XX como decadente, sinalizando a urgência de reconstrução da ordem, do restabelecimento do Estado. O documento em seu início traça uma avaliação do cenário internacional:

Chile inicia su reconstrucción nacional en los momentos en que una profunda crisis conmueve al mundo. Bajo la forma de una crisis económica, que constituye una amenaza latente para la paz mundial, asistimos a un fenómeno que es más profundo, y que pone en tela de juicio los valores y formas de vida de los diversos tipos de sociedad^{LV}.

O quadro traçado pelos membros da Junta de Gobierno estaria a acometer todo o mundo civilizado. Era uma “honda crisis moral y económica que hoy conmueve al Occidente desarrollado” e que era gerada não apenas pela “ofensiva comunista”, mas devia-se também aos problemas gerados pelo próprio capitalismo. Era nesse sentido que era necessário um caminho “propio y original” que “trate de superar los distintos factores de crisis que hoy sacuden a otras naciones”:

Por otra parte, las sociedades desarrolladas del Occidente, si bien ofrecen un ‘rostro’ incomparablemente más aceptable que las anteriores, han derivado en un materialismo que ahoga y esclaviza espiritualmente al hombre. Se han configurado así las llamadas ‘sociedades de consumo’, en las cuales pareciera que la dinámica del desarrollo hubiera llegado a dominar al propio ser humano, que se siente interiormente vacío e insatisfecho, anhelando con nostalgia una vida más humana y serena^{LV}.

Pinochet, já nos idos de 1965, dentro da sua concepção organicista de Estado, entendia que a sua integridade estava em perigo em função das ameaças internas que poderiam levá-lo a decadência. Considera o Estado-nação enquanto

um ente-vivo, “una superpersona”, que possui demandas de crescimento externo, mas também, e principalmente, uma necessidade vital de ordem para a manutenção da integridade como forma de evitar a decadência. Por outro lado, também fazia parte dessa concepção organicista a ideia de preservação da integridade interna contra males que pudessem acometer o Estado e que inviabilizassem a sua existência. Igualmente importante para a sobrevivência do Estado, já que se apresentava como uma das principais causas de sua derrocada^{LVI}.

Considerações

Busquei apresentar aqui que a decepção com a democracia e com a política foram elementos que estiveram presentes não apenas dentre as esquerdas, mas também no outro pólo ideológico. Eram considerações que atravessavam todo o espectro político e que se adicionavam a uma percepção de que viviam um momento de inflexão nos rumos do capitalismo.

De que forma essa percepção tem relação com a ação política dos anos 1960 e 1970? Segundo Chartier^{LVII}, as representações coletivas só têm existência “a partir do momento em que comandam actos”, orientam a ação política, “produzem estratégias e práticas”. A ideia de crise do capitalismo presente dentre as direitas contribuiu para que o conflito que ora se desenvolvia fosse entendido como uma guerra de vida ou morte. A crença na capacidade de ruptura que os movimentos de luta armada supostamente apresentavam era diretamente partilhada pelos que eram responsáveis pela repressão. A convicção de que a forma de vida “ocidental” estava em xeque levou a ações que buscavam extirpar por completo aqueles que a ameaçavam.

Para as direitas, a questão fundamental era a de como efetivamente responder a essas ameaças. Na sua resposta, toda violência se apresentaria assim

legitimada. Não apenas em nome do capitalismo, mas principalmente, de forma mais articulada, no da cultura ocidental, greco-romana, cristã e fundada neste modo de produção, aspectos centrais do que apresentavam as diferentes versões da Doutrina de Segurança Nacional. Isso explica a desproporção utilizada pelos governos na desarticulação dessas ameaças.

Não é por menos que as reações daqueles que detinham efetivamente o controle dos meios de coerção e repressão foram desmesuradas contra as ameaças que entendiam como letais. É o que nos atestam os relatos acerca do combate às guerrilhas do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no Araguaia, e do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) em Caparaó no Brasil, onde milhares de militares foram deslocados para as áreas de operação da guerrilha. Ou mesmo ao longo da *Operación Independência* em Tucuman, Argentina.

Arendt, analista do tempo presente em que vivia, informa que se a geração da bomba atômica e da II Guerra Mundial foi acolhedora da não-violência como reação inicial, em um segundo momento defendeu a violência como instrumento de libertação.

Mas não é segredo que as coisas mudaram desde então, que os adeptos da não-violência estão na defensiva, e seria frivolidade dizer que apenas os extremistas estão se rendendo à glorificação da violência, tendo descoberto – como os camponeses argelinos de Fanon – que ‘só a violência vale a pena’^{LVIII}

E indica que nos debates sobre o “fenômeno do poder”, existiria um consenso entre os “os teóricos políticos da esquerda e da direita de que a violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação de poder”^{LIX}.

Meu objetivo aqui, longe de atribuir um pioneirismo da parte das esquerdas quanto à concepção de crise do capitalismo, busca apontar que essa percepção caracteriza algo que poderia ser apresentado como parte da cultura política de

uma geração. Uma cultura política que convivia com outras culturas políticas, outras sensibilidades, outras tradições. Ao observar que aspectos centrais da Doutrina de Segurança Nacional e sua perspectiva de geopolítica consideravam o Estado dentro da concepção organicista, na qual o conflito apresenta-se como uma ameaça à sua própria sobrevivência, assinalo que a alternativa buscada foi a da eliminação do confronto justamente pela supressão dos oponentes via maximização da violência.

Ainda que a existência de uma visão decadente de nação, de dissolução e do desaparecimento do mundo então vigente, estivessem presentes desde princípios do século XX dentre as direitas, foi somente com a conjunção de uma série de acontecimentos que tudo isso ganhou concretude, desdobrando-se na possibilidade de ação principalmente para aqueles que pertenciam a “geração das rupturas” com a ordem vigente. As propostas contrarrevolucionárias e de caráter restaurador, bem como as que defendiam uma revolução de direita^{LX} vão se apresentar como formas distintas de lidar com essa decadência. Para alguns, a hora era a das direitas revolucionárias estabelecerem uma ruptura completa com o passado. Para outros, o momento era de reconstrução do passado através da restauração da ordem.

A violência, assim, aparece como ferramenta essencial tanto para reagir e retomar a velha ordem quanto para agir e fundar uma nova, agora ancorada em projetos políticos radicalmente contrários aos avanços no plano social e político que estariam a solapar o que esses segmentos entendiam por “boa sociedade”.

Cito, enfim Atilio Borón. Vale recordar, nos dias atuais, o que o autor alerta: o fato de que os avanços democráticos observáveis ao longo do XX foi resultado de um embate onde a pressão popular foi elemento chave^{LXI}. Neste sentido, a democracia não elimina o conflito nem mesmo coloca-se acima deste, mas tão somente o canaliza para uma via da não-violência.

Notas

- ^I ÁGUILA, Gabriela. La represión en la historia reciente Argentina: perspectivas de abordaje, conceptualizaciones y matrices explicativas. **Contenciosa**, [S. l.], ano 1, n. 1, p. 1-13, segundo semestre 2013. p. 02.
- ^{II} RÉMOND, René. Do Político. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora FGV, 1996, p. 449.
- ^{III} GUERRA, François-Xavier y ANNINO, Antonio. **Inventando la nación** - iberoamérica. Siglo XIX. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 2003.
- ^{IV} GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- ^V Idem, p. 184.
- ^{VI} SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In REMOND, Rene. **Por uma história Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Editora FGV, 1996, p. 257.
- ^{VII} BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332, p. 296.
- ^{VIII} MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 1, n. 8, p. 1-29, 2009.
- ^{IX} DONGHI, Túlio H. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- ^X BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel**. - a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- ^{XI} ARAÚLO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de M.; ARAUJO, Maria Paula e QUADRAT, Samantha Víz. **Dictadura e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- ^{XII} ROMERO, Luis Alberto. **Breve Historia Contemporánea de la Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- ^{XIII} Idem, p. 179.
- ^{XIV} CALVERO, Pilar. Antiguos y nuevos sentidos de la política y la violencia. **Revista Lucha Armada**, Año 2 - Número 4 - 2006. Disponível em: www.luchaarmada.com.ar.
- ^{XV} FIGUEIREDO, Argelina C.. **Democracia ou reformas** - alternativas democráticas à crise política. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- ^{XVI} Idem, p. 31.
- ^{XVII} LESGART, Cecilia. "Luchas por los sentidos del pasado y el presente - notas sobre la reconsideración actual de los años '70 y '80". In: TCACH, César e QUIROGA, Hugo. **Argentina 1976-2006** - Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia. Rosario, HomoSapiens Ediciones, 2006. SANTUCHO, Hugo. **Los últimos de los guevaristas: la guerrilla marxista en la Argentina**. Buenos Aires: Ediciones B. Argentina, 2004.
- ^{XVIII} FANON, Francis. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961/1968, p. 56.
- ^{XIX} ARENDT, Hannah. Da Revolução. Rio de Janeiro: Ed. Atica, 1963/1990. ARENDT, Hannah. Da Violência. Rio de Janeiro, 1967. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>. Acesso em 20 de set. de 2026.
- ^{XX} FANON, Op. Cit, p. 62.
- ^{XXI} Idem, p. 73.

XXII Idem, p. 83.

XXIII GUEVARA, Ernesto Che. Discursos em Punta del Este, Uruguay. Conferência del Consejo Interamericano Económico y Social de la OEA. Acesso em 8 de Ago. de 1961. In: Obras Escogidas – 1957/1967. La Habana; Casa de las Americas, 1977/2001.

XXIV Idem.

XXV GUEVARA, Ernesto Che. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental, 1967. In: GUEVARA, Ernesto Che. Obras Escogidas – 1957/1967. La Habana: Casa de las Americas, 1977/2001.

XXVI AGGIO, Alberto. Repensando o sentido de rebeldia da Revolução Cubana. Niterói: Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC/UFF), [s.d.]. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/textos.html>. p. 03. AGGIO, Alberto. Democracia e socialismo: a experiência chilena. São Paulo: UNESP, 1993.

XXVII LEICHTENBURG, Willaim. (org) **O século inacabado** – A América desde 1900. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, vol II.

XXVIII Idem, p. 805.

XXIX ROMERO, Op. Cit, 2004, p. 178.

XXX RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Unesp, 1993, p. 94.

XXXI SANTUCHO, Op. Cit, 2004, p. 28.

XXXII CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais da América Latina** – velhos e novos paradigmas. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 08.

XXXIII GOTT, Richard. **CUBA** – uma nova historia. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 2006, p. 202-203.

XXXIV O'DONNELL, Guillermo. **Análise do autoritarismo burocrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973/1990, p. 24.

XXXV Idem, p. 55.

XXXVI GARRETÓN, Manuel Antonio. “Evolução Política do Regime Militar chileno e problemas na transição para a democracia.” In: O'DONNELL, Guillermo e Schmitter, P. **Transições do regime autoritário**: primeiras conclusões. São Paulo: Vértice, 1988, p. 147.

XXXVII COLLIER, David. **O novo autoritarismo na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

XXXVIII TCACH, César e QUIROGA, Hugo. Entre la lógica del partiso y el imperio del Gólem: dictadores y guerrilleros em Argentina, Brasil, Chile y Uruguay. In: **Argentina 1976-2006** – entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia. Buenos Aires: Homo Sapiens Ediciones, 2006, p. 130.

XXXIX Idem, p. 129.

XL ZÁRATE, Verónica Valdivia Ortiz de. Nacionalismo, direita e Forças Armadas: Chile 1938-1973. **Estudos de Sociologia, Araraquara**, v. 2, n. 3, p. 55-70, 1997, p. 50. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/issue/view/123>. Acesso em: 28 mar. 2026.

XLI ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Tradução de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 181.

XLII Idem, p. 181.

XLIII SALAZAR, Gabriel; PINTO, Julio. **História Contemporânea de Chile III** – la economía: mercados, empresarios y trabajadores. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

- ^{XLIV} LUNDAHL, Mats. El camino a la dictadura: desarrollo político y económico en Chile – 1952–1973. In: GARCIA, Rigoberto. **Economía y política durante el gobierno militar en Chile**, 19736–1987. Ciudad de México: fondo de Cultura Económica/Economía Latinoamericana, 1989.
- ^{XLV} SALAZAR; PINTO, *Op. Cit.*, 2002, p. 147.
- ^{XLVI} LUNDHALL, *Op. Cit.*, 1989, p. 43.
- ^{XLVII} FIGUEIREDO, *Op. Cit.*, 1993.
- ^{XLVIII} ROMERO, *Op. Cit.*, 2006, p. 168.
- ^{XLIX} MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo, Perspectiva, FAPESP, 2002.
- ^L ARRIAGADA HERRERA, Genaro. **El pensamiento político de los militares**: las Fuerzas Armadas chilenas en la vida política. Santiago: Centro de Investigaciones Sociales (CIS), 1986.
- ^{LI} FERNANDOIS, Joaquín. **Mundo y fin de mundo**: Chile en la política mundial 1900–2004. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2004.
- ^{LII} Idem, p. 135 e 137.
- ^{LIII} BOISARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina: objeto científico, sujeitos e temporalidades? **Vária História**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p. 85–100, jan./abr. 2014.
- ^{LIV} Declaración de Principios del Gobierno de Chile. Santiago, marzo 11 de 1974.
- ^{LV} Idem.
- ^{LVI} MENDES, Ricardo Antonio Souza. Ditaduras civil–militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional – algumas considerações sobre a Historiografia. **Tempo e Argumento**, v. 5, p. 06–38, 2013.
- ^{LVII} CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ^{LVIII} Arendt, *Op. Cit.*, 1967 p. 12.
- ^{LIX} Idem, p. 22.
- ^{LX} MENDES, Ricardo Antonio Souza. Direitas Revolucionárias no Cone Sul. **LOCUS** (UFJF), v. 27, p. 365–389, 2021.
- ^{LXI} BORON, Atilio A. A transição para a democracia na América Latina. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 11–37, jan./jun. 1989, p. 18.

Fontes

Actas de la Revolución Argentina. Anexo 1: Mensaje de la Junta Revolucionaria al pueblo argentino de 28 de junio de 1966.

ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. Rio de Janeiro: Ed. Atica, 1963/1990.

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Rio de Janeiro, 1967. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>. Último acesso em 20 de set. de 2026.

Declaración de Principios del Gobierno de Chile. Santiago, marzo 11 de 1974.

Discurso del General Augusto Pinochet em Cerro Chacarillas con ocasión del día de la Juventud: el 09 de Julio de 1977. In: CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez – Archivo Chile. Disponível em <http://www.archivochile.com/entrada.html>. Acesso em 15 fev. 2026.

FANON, Francis. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961/1968.

GUEVARA, Ernesto Che. Discursos em Punta del Este, Uruguay. Conferência del Consejo Interamericano Económico y Social de la OEA. 8 de Agosto de 1961. In: Obras Escogidas – 1957/1967. La Haban:, Casa de las Americas, 1977/2001.

GUEVARA, Ernesto Che. Discurso em la Coferencia del CIES, fundamentando la oposición de Cuba a firmar la ‘Carta de Punta del Este’. 16 de agosto de 1961. In: GUEVARA, Ernesto Che. Obras Escogidas – 1957/1967. La Habana: Casa de las Americas, 1977/2001.

GUEVARA, Ernesto Che. Mensage a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental, 1967. In: GUEVARA, Ernesto Che. Obras Escogidas – 1957/1967. La Habana: Casa de las Americas, 1977/2001.

O'DONNELL, Guillermo. Análise do autoritarismo burocrático. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973/1990.

PINOCHET UGARTE, A.J.R. 1979. Ensayo sobre un estudio preliminar de una geopolítica de Chile em el año 1965. Santiago, Memorial del Ejército de Chile/Biblioteca del Oficial, vol. LXII.

SARTRE, Jean Paul. Colonialismo e Neocolonialismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

Referências

AGGIO, Alberto. Repensando o sentido de rebeldia da Revolução Cubana. **Niterói: Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC/UFF)**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/textos.html>.

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**: a experiência chilena. São Paulo: UNESP, 1993.

ÁGUILA, Gabriela. La represión en la historia reciente Argentina: perspectivas de abordaje, conceptualizaciones y matrices explicativas. **Contenciosa**, [S. l.], ano 1, n. 1, p. 1-13, segundo semestre 2013.

ARAÚLO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de M.; ARAUJO, Maria Paula e QUADRAT, Samantha Viz. **Ditadura e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ARRIAGADA HERRERA, Genaro. **El pensamiento político de los militares**: las Fuerzas Armadas chilenas en la vida política. Santiago: Centro de Investigaciones Sociales (CIS), 1986.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel**. – a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOISARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina: objeto científico, sujeitos e temporalidades? **Vária História**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p. 85-100, jan./abr. 2014.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda** – razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.

BORON, Atilio A. A transição para a democracia na América Latina. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 11-37, jan./jun. 1989.

CALVERO, Pilar. Antiguos y nuevos sentidos de la política y la violencia. **Revista Lucha Armada**, Año 2 – Número 4 – 2006. Disponível em: www.luchaarmada.com.ar

CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais da América Latina** – velhos e novos paradigmas. São Paulo: Saraiva, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLIER, David. **O novo autoritarismo na América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DONGHI, Túlio H. **História da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FERMANDOIS, Joaquín. **Mundo y fin de mundo:** Chile en la política mundial 1900–2004. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2004.

FIGUEIREDO, Argelina C.. **Democracia ou reformas** – alternativas democráticas à crise política. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GARRETÓN, Manuel Antonio. “Evolução Política do Regime Militar chileno e problemas na transição para a democracia.” In: O’DONNELL, Guillermo e Schmitter, P. **Transições do regime autoritário:** primeiras conclusões. São Paulo: Vértice, 1988.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOTT, Richard. **CUBA** – uma nova historia. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 2006.

GUERRA, François-Xavier y ANNINO, Antonio. **Inventando la nación** – iberoamérica. Siglo XIX. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 2003.

LESGART, Cecilia. “Luchas por los sentidos del pasado y el presente – notas sobre la reconsideración actual de los años ‘70 y ‘80”. In: TCACH, César e QUIROGA, Hugo. **Argentina 1976–2006** – Entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia. Rosario, HomoSapiens Ediciones, 2006.

LE MOS, Renato. Contrarevolução e ditadura_ensaio sobre o processo político brasileiro pós-1964. **Revista Marx e o Marxismo.** v.2, n.2, jan/jul 2014.

LUNDAHL, Mats. El camino a la dictadura: desarrollo político y económico en Chile – 1952–1973. In: GARCIA, Rigoberto. **Economía y política durante el gobierno militar en Chile,** 19736–1987. Ciudad de México: fondo de Cultura Económica/Economía Latinoamericana, 1989.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Direitas Revolucionárias no Cone Sul. **LOCUS** (UFJF), v. 27, p. 365-389, 2021.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional – algumas considerações sobre a Historiografia. **Tempo e Argumento**, v. 5, p. 06-38, 2013.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Anticomunismo, Democracia e Geopolítica segundo Pinochet. *História Unisinos*, v. 16, p. 15-27, 2012.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 1, n. 8, p. 1-29, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo, Perspectiva, FAPESP, 2002.

O'DONNELL, Guillermo e Schmitter, P. **Transições do regime autoritário**: primeiras conclusões. São Paulo: Vértice, 1988.

RÉMOND, René. Do Político. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora FGV, 1996.

RÉMOND, René. Uma história Presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora FGV, 1996.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Unesp, 1993.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Tradução de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve Historia Contemporánea de la Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

SALAZAR, Gabriel; PINTO, Julio. **História Contemporânea de Chile III – la economía: mercados, empresarios y trabajadores**. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

SANTUCHO, Hugo. **Los últimos de los guevaristas**: la guerrilla marxista en la Argentina. Buenos Aires: Ediciones B. Argentina, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In REMOND, Rene. **Por uma história Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Editora FGV, 1996.

TCACH, César e QUIROGA, Hugo. Entre la lógica del partisano y el império del Gólem: dictadores y guerrilleros em Argentina, Brasil, Chile y Uruguai. In: **Argentina 1976-2006** – entre la sombra de la dictadura y el futuro de la democracia. Buenos Aires: Homo Sapiens Ediciones, 2006.

ZÁRATE, Verónica Valdivia Ortiz de. Nacionalismo, direita e Forças Armadas: Chile 1938-1973. **Estudos de Sociologia, Araraquara**, v. 2, n. 3, p. 55-70, 1997, p. 50. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/issue/view/123>. Acesso em: 28 mar. 2026.

Recebido em: 15/02/2026

Aprovado: 20/05/2026

Publicado: 28/09/2026